

# Mamma B.



texto e fotos / text and photos Paola Rolletta

*B*ertina é uma mulher de paz, é a voz das mulheres que querem um futuro melhor para os seus filhos”. Estas palavras, pronunciadas pelo vereador da cultura de Caserta (Itália), por ocasião da última exposição da pintora moçambicana no Museu de Cápua, resumem o seu carácter, considerada por toda a gente como a mãe dos pintores moçambicanos.

“É mãe e pai das artes plásticas moçambicanas”, enfatizou o pintor Malangatana quando o quisemos ouvir falar sobre Bertina. “Foi das primeiras a exprimir as inquietações na sociedade colonial. Levantava problemas sócio-políticos sem fazer com que a pintura se tornasse panfleto. Quer gostassem quer não da pessoa, todos ficavam impressionados por ela como criadora. Porque era fácil compreender a sua obra, caracterizada por uma forte expressividade. Talvez não gostassem dos títulos, como ‘Grito Grande’ ou ‘Olhos Brancos de Farinha de Milho’, que ela escolhia para as suas obras, mas sentiam a obra na carne e na alma”, acrescenta Malangatana.

Recentemente Bertina ofereceu ao Museu de Cápua, *Maternidade*, óleo em tela de 1971. A pintura ficará no meio das estátuas de tufo das *Matres Matutae*, esculturas femininas com crianças ao colo, conservadas no Museu e datadas desde o século VII AC até aos primeiros anos da época cristã.

É um lugar ideal porque as *Matres* são símbolo de fecundidade e fraternidade, e de morte e guerra também. E absorveram os nomes das várias culturas, Afrodite, Diana, Javia, Cerere, Demetra. Com a pintura de Bertina no meio delas absorvem também o significado que a Mãe tem em África.

De resto, sempre foi escrito que ela é capaz de juntar os vários registos artísticos: o de Moçambique, o de Itália e o de Portugal, conseguindo transmitir uma mensagem de universalidade da arte como momento de unidade e encontro de civilizações. É a pintora de três mundos.

## A MÃE DOS PINTORES MOÇAMBICANOS

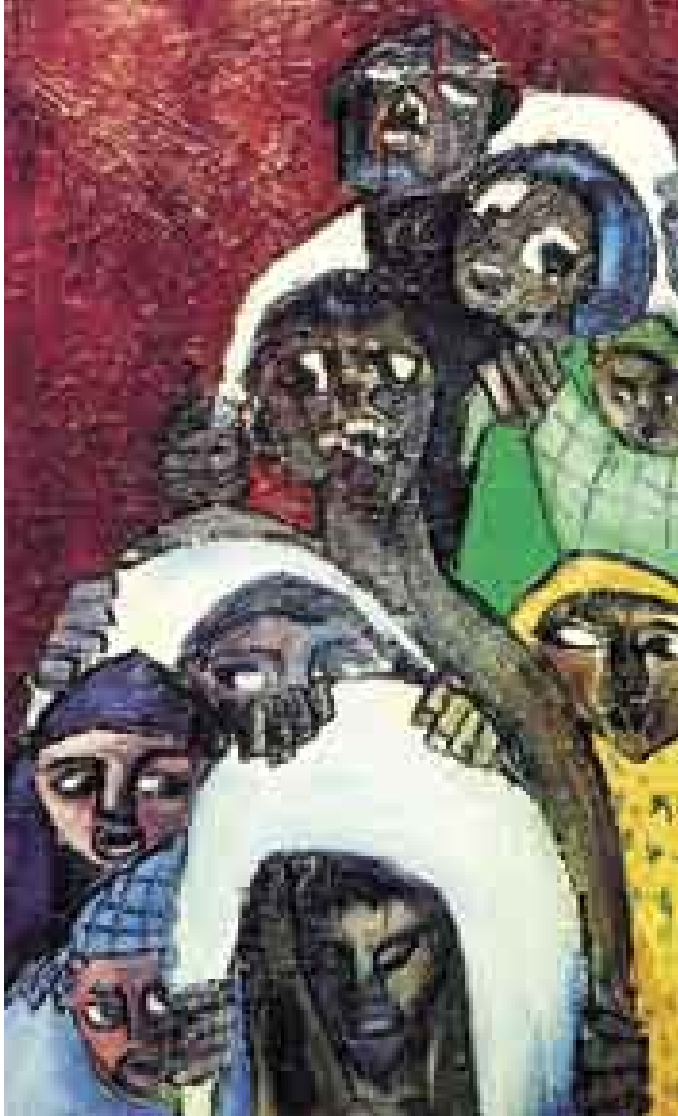
Vive em Roma há 40 anos. Se passarem pela Rua XX Settembre, é só perguntar por Mama B. Toda a gente sabe onde vivem a Bertina e o Franco, o seu actual marido italiano. Proibiu-nos de chamá-la apenas moçambicana. Não quer. “*Nas minhas veias corre sangue português, do meu pai, e sangue africano, da minha mãe. Desde sempre queria que todos me chamassem luso-moçambicana, só nos últimos anos consegui ter reconhecido esse meu direito*”, afirma com um brilho malandro nos olhos negros marcados com uma linha de kajal.

Nasceu em Lourenço Marques no final dos anos 20 e foi-lhe dado o nome de Bertina, um nome pouco usual na época. “*Bertine era a mulher do médico que me fez nascer. Mas como era um nome estrangeiro não podia assim ser registada. Os meus pais decidiram então me chamar Bertina*”, explica.

Estudou Belas Artes em Lisboa. Voltou a Lourenço Marques, no começo dos anos 50, para dar aulas de desenho na Escola Técnica General Machado. Eram os tempos de Craveirinha, Noémia de Sousa, Rui Knopfli. Casou com o poeta Virgílio de Lemos, o pai dos seus filhos. “*Embora com carácter diferente, muitas vezes os quadros pareciam ilustrações dos poemas do Virgílio e vice-versa*”, conta-nos ainda Malangatana.

## O ESPUMANTINHO ERÓTICO

Bertina recebe na sua casa-atelier todos os “palopes” que passam pela capital italiana. O terraço, com vista fabulosa dos telhados de Roma, inclusive da Basílica de São Pedro, tornou-se uma espécie de “embaixada paralela”. Todos deixam a sua assinatura nas paredes, repletas de nomes de políticos, artistas, músicos, enfim de toda a gente que por lá passa.



Um pedaço dos “palopes” em território neutro, a Itália. Está lá o poema que lhe dedicou Graça Machel, a flor de Joaquim Chissano, o charuto de Mário Soares, os agradecimentos de Carlos Veiga, Maria da Luz Guebuza, Aiuba Guareneia... e todos os outros que por lá vão passando a tomar um “espumantinho erótico”, como Bertina lhe chama.

Bertina conta anedotas, sorri à vida, leva tudo com a ligeireza sonhadora dos grandes artistas e fala uma língua que é só dela: o “bertinês”. Uma mistura de português e italiano, como a definiu o escritor italiano Carlo Levi. Quando fala, usa sempre um tom baixo e arrastado, como se tivesse sempre que traduzir não apenas as palavras mas aquilo que sente na alma. As reacções agressivas – que são uma característica dela – se apagam logo graças ao sorriso de menina brincalhona e das boas maneiras de senhora requintada.

Bertina é generosa. “*No meio artístico e social de Moçambique é carinhosamente chamada Mama B*”, escreveu Joaquim Chissano, “*porque nela está corporizado o mito e a essência do nosso ser colectivo, o modelo e exemplo a seguir pelas novas gerações, a fonte inesgotável de inspiração nos nossos esforços de reconstrução e desenvolvimento nacional, de consolidação da tolerância e reconciliação, de trabalho árduo por um futuro melhor; em que estejam garantidos o pão, a paz, a harmonia e o bem-estar para todos*”.

### MADRINHA DE MOÇAMBIQUE PELO MUNDO FORA

À medida que a idade avança, Bertina não deixa de ensinar a arte de viver com o sorriso apesar da dor. A arte da curiosidade, da generosidade, e sobretudo a grande arte de não se levar demasiado a sério, a ironia, e a arte e o prazer da convivência natural e social.

Ela nunca esqueceu de onde veio, nunca esqueceu a luta do seu povo e a luta dela ao seu lado, embora geograficamente distante da sua gente. É convidada a ser madrinha de Moçambique e de África em imensas ocasiões. Uma das mais recentes foi no decorrer da exposição de artistas deficientes, “Abaixo o Cinzento”, para angariar fundos para o DREAM, o programa de luta contra o SIDA levado a cabo pela Comunidade de Santo Egidio em Moçambique.

“*Nunca se divorciou do seu país*”, comenta Malangatana. A lembrança faz parte da sua obra de arte e da sua vida. “*A minha casa era, desde a minha chegada a Roma, o ponto de encontro dos refugiados, dos exilados.*” E recorda como ela, na época da ditadura era “deportada” enquanto a irmã mais velha era “deputada” nas Nações Unidas...

Entre outros, Bertina recebeu em 1991 o Prémio Mundial “Carson”, da *Raquel Carson Memorial Foundation* de Nova Iorque, pelo seus méritos artísticos e humanitários e pela sua fidelidade às origens africanas, embora no contexto de uma refinada experiência pessoal internacional.

### AO RITMO DO JAZZ

Uma das fases mais recentes da pintura da Bertina tem o jazz como elemento inspirador. As telas de Bertina a quererem ser partituras de jazz, como um símbolo activo da síntese mais ambiciosa e qualitativamente elevada, entre diversas culturas e etnias, jogadas no harmonioso signo de uma arte já livre de qualquer exagero nacional, cultural e político.

A força da pintura e da escultura (particularmente interessante aquela que dedicou ao antigo presidente e amigo Samora Machel, *Quem Nunca Morre e de Tudo se Lembra, é o Povo*) vivida entre dois continentes, reside neste seu “estar fora”, num espaço pictórico totalmente autónomo das escolas e totalmente dentro da vida, percorrendo o espaço “*para encontrar um espaço para África*”. Grande capacidade da artista de absorver e metabolizar escolas e tendências sem nunca prescindir das suas raízes e da sua personalidade.

A última exposição organizada em Moçambique foi em 1994. Veio ainda a Maputo, em Outubro de 2002, para festejar os dez anos da assinatura do Acordo de Paz. Mas sabe tudo o que se passa no país. Mesmo estando lá, na casa que dá para os telhados de Roma. ■



# Mamma B.

*Bertina is a woman of peace; she is the voice of women who want a better future for their children".* These words by the councillor for cultural affairs in Caserta (Italy), at the last exhibition of the Mozambican painter in the Capua Museum, sum up the character of the one who is considered by many to be the mother of Mozambican painters.

*"She is the mother and father of Mozambican plastic arts",* the painter Malangatana stressed when we asked him to speak about Bertina. *"She was one of the first to express the unease in colonial society. She raised socio-political problems without making a pamphlet of her painting. Whether they liked her or not as a person, everyone was impressed by her as a creator because it was easy to understand her work, which was characterized by its strongly expressive nature. They might not have liked the titles she chose for her works, such as 'Big Scream' or 'White Eyes of Corn Meal', but they felt the work in their flesh and in their souls",* Malangatana added.

Bertina recently offered to the Capua Museum an oil painting on canvas, from 1971, named *Maternity*. It will be hung between the tufa statues of the *Matres Matutae*, female sculptures with children in their arms that are preserved in the Museum and dated as being from the 7th Century BC to the first years of the Christian era.

It is an ideal setting because the *Matres* are a symbol of fecundity and fraternity, and also of death and war. And they have absorbed the names of various cultures, Aphrodite, Diana, Javia, Ceres, Demeter. With Bertina's painting between them they also absorb the meaning that Mother holds in Africa.

In fact, she has always been written of as able to bring together the various artistic registers: that of Mozambique, that of Italy and that of Portugal, managing to transmit a message of the universality of art as a moment of unity and encounter between civilisations. She is the painter of three worlds.

## THE MOTHER OF MOZAMBICAN PAINTERS

She has lived in Rome for forty years. If you walk down the Rua XX Settembre in Rome, you only have to ask for Mama B. Everyone knows where Bertina lives with Franco, her Italian husband. She forbade us to call her simply Mozambican. She doesn't want that. *"In my veins there runs Portuguese blood from my father and African blood from my mother. I have always wanted everyone to call me Luso-Mozambican; it is only recently that I have managed to have that right recognized",* she states with a wicked gleam in her black eyes marked with a line of khol.

She was born in Lourenço Marques in the late 1920's and named Bertina, which was not a common name at the time. *"Bertine was the wife of the doctor who brought me into the world. But since it was a foreign name, I couldn't be registered as that, so my parents decided to call me Bertina",* she explains.

She studied Fine Arts in Lisbon and returned to Lourenço Marques in the early 1950's to teach drawing at the General Machado Technical School. Those were the days of Craveirinha, Noémia de Sousa, Rui Knopfli. She married the poet Virgílio de Lemos, the father of her children. *"Although they had a different character, her paintings often seemed to illustrate Virgílio's poems and vice-versa",* Malangatana also told us.

## THE EROTIC BUBBLY

Bertina welcomes into her home-atelier all the "palopes" (Portuguese speaking Africans) passing through the Italian capital. The terrace, with a fabulous view over the rooftops of Rome, including St. Peter's Basilica, has become a kind of "parallel embassy". All leave their signature on the walls, which are filled with the names of politicians, artists, musicians, everyone who passes through.



*Bertina Lopes com Rui Nogar e José Craveirinha*  
Bertina Lopes with Rui Nogar and José Craveirinha

A little piece of the "palopes" in neutral territory, Italy. There, one can see the poem dedicated to her by Graça Machel, Joaquim Chissano's flower, Mário Soares' cigar, the thanks of Carlos Veiga, Maria da Luz Guebuza, Aiuba Guareneia... and all the others who pass through and drink an "erotic bubbly", as Bertina calls it.

Bertina tells anecdotes, smiles at life, takes everything with the dreaming levity of the great artists and speaks a language that is all her own: "Bertinese". A mixture of Portuguese and Italian, as defined by Italian writer Carlo Levi. When she speaks, it is always in a low drawing tone, as if she is always having



to translate not only her words, but what she feels in her soul. Her aggressive reactions – one of her characteristics – are soon quenched in her girlish playful smile and the manners of a refined lady.

Bertina is generous. *"Within Mozambique's artistic and social circle she is called Mama B", wrote Joaquim Chissano, "because she embodies the myth and the essence of our collective being, the model and example to follow for the new generations, the unquenchable source of inspiration in our efforts for national reconstruction and development, of the consolidation of tolerance and reconciliation, of hard work for a better future, where bread, peace, harmony and well-being are guaranteed for all".*

### **MOZAMBIQUE'S GODMOTHER IN THE WIDE WORLD**

As age creeps up on Bertina she never ceases to teach us the art of living with a smile in spite of pain. The art of curiosity, generosity and, above all, the great art of never taking yourself too seriously, the irony, and the art and pleasure of natural and social conviviality.

She has never forgotten her roots, never forgotten the fight of her people and her fight alongside them, despite being at a geographical distance. She has been invited to play the role of godmother of Mozambique and Africa on numerous occasions. One of the most recent was during the exhibition by handicapped artists, *"Abaixo o Cinzento" (Down with Grey)*, to raise funds for DREAM, the Santo Egídio Community's programme to fight AIDS in Mozambique.

*"She has never divorced herself from her country", commented Malangatana. Memory is part of her art and her life. "My house, from the moment I arrived in Rome, was the meeting point for refugees and exiles", and he remembers*

how she was "deported" during the time of the dictatorship, while her elder sister was a "deputy" in the United Nations...

Among other honours, in 1991 Bertina was awarded the Carson World Prize by the Rachel Carson Memorial Foundation of New York, for her artistic and humanitarian merits and her faithfulness to her African origins, albeit in the context of a refined international experience.

### **TO THE RHYTHM OF JAZZ**

One of Bertina's most recent painting phases is inspired by jazz. Bertina's canvases wished to be jazz scores, as an active symbol of the most ambitious and qualitatively elevated synthesis between diverse cultures and races, played out in the harmonious note of an art that is now free from any national-cultural and political excesses.

The strength of her painting and sculpture (of particular interest, that dedicated to a former president, her old friend Samora Machel, *Quem Nunca Morre e de Tudo se Lembra, é o Povo* – *"Who Never Dies and Remembers Everything is the People"*) lived between two continents, lies in her being an outsider, in a pictorial space that is totally free from any school and totally immersed in life, moving across space *"to find a space for Africa"*. She has a great ability to absorb and metabolize schools and trends without ever compromising her roots and her personality.

The last exhibition organized in Mozambique was in 1994. She also came to Maputo in October 2002 to celebrate the 10th anniversary of the Peace Treaty. But she is aware of everything that goes on in the country. Even being there, in the house looking out over the rooftops of Rome. ■